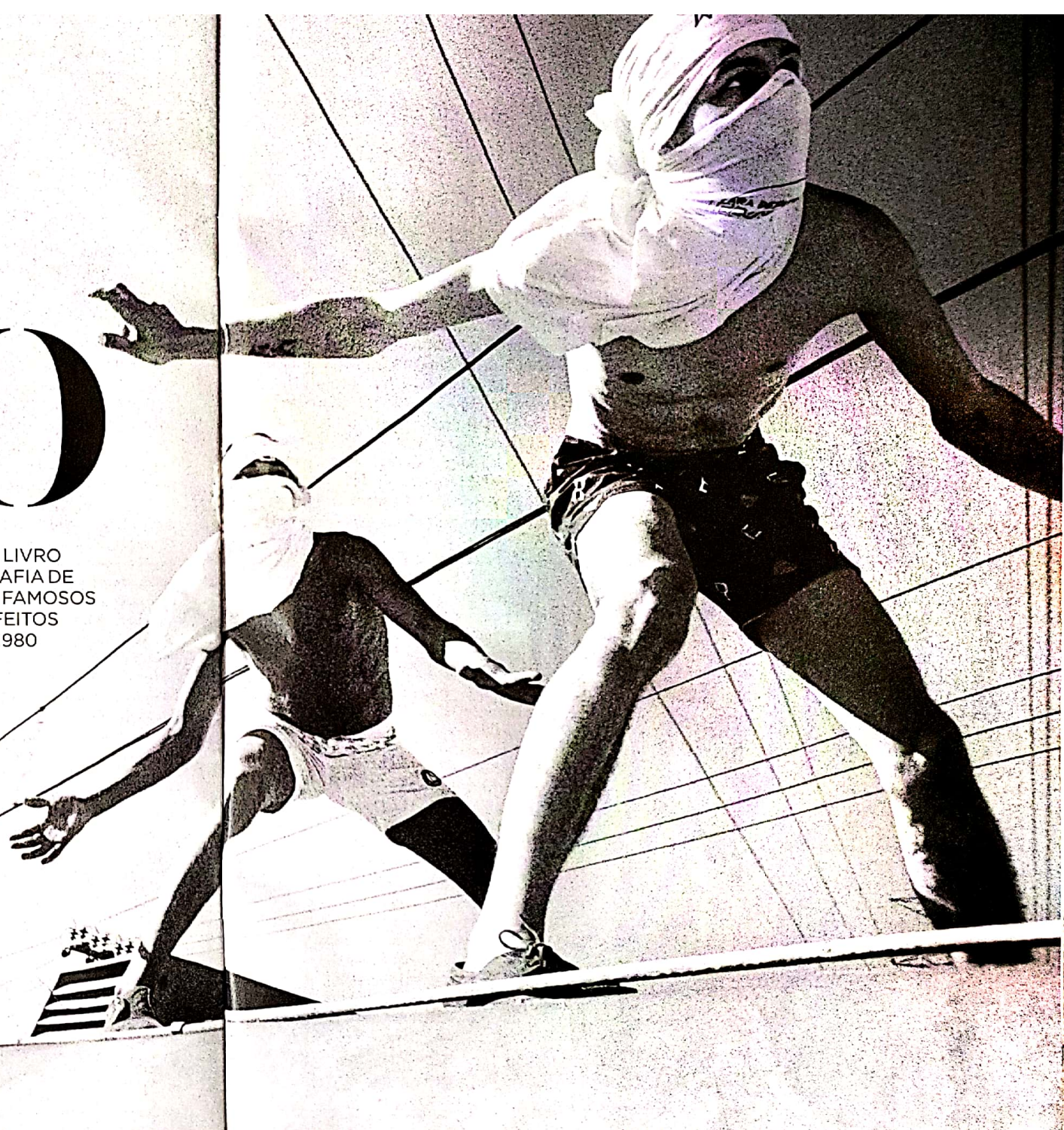


Surfistas de  
trem: Imagens  
feitas em Japerl  
em 1989

# OLHIO NU

ROGÉRIO REIS LANÇA LIVRO  
DEDICADO À FOTOGRAFIA DE  
RUA, COM REGISTROS FAMOSOS  
E OUTROS INÉDITOS, FEITOS  
DESDE A DÉCADA DE 1980

Por LÍVIA BREVES  
Fotos ROGÉRIO REIS





“SOU UM CARA DA FOTOGRAFIA DE RUA. SINTO COMO SE FOSSE UM CRONISTA DO QUE ACONTECE ALI. A IMAGEM FUNCIONA COMO UMA DESCRIÇÃO DA REALIDADE”

O carioca Rogério Reis sempre gostou de andar pelas ruas do Rio com sua câmera. De tanto caminhar em busca de bons registros, passou a ser conhecido pelos bairros por onde mais passeava: Copacabana, Ipanema e Leblon. “Em Copacabana eu sou chamado de fotógrafo. Em

Ipanema, de artista. E no Leblon, de paparazzi”, brinca. Mesmo quando passa mais tempo focado em trabalhos de estúdio, Rogério acaba, por projetos ou saudade, retomando a rotina urbana. “Sou um cara da fotografia de rua. Já fui mais, agora estou menos, mas sou. Sinto como se fosse um cronista do que acontece ali. A imagem funciona como a descrição da realidade”, conta.


Um recorte desses quase 40 anos de carreira está no livro “Olho nu” (Instituto Olga Kos, 2021), que será lançado em setembro e tem edição dos irmãos João e Kiko Farkas. A publicação conta com retratos de séries famosas como “Na lona” (1987-2001), “Surfistas de trem” (1988) e “Ninguém é de ninguém” (2011-2014) e cliques de mestres como o de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), em 1982, quando completava 80 anos, e ainda cenas recentes da cidade, muitas ainda inéditas. “A tendência de obras de retrospectiva é trabalhar cronologicamente. Mas não quis assim. Usei um tempo psicológico para ordenar. Como é um livro sobre o Rio, comeci com uma imagem limpa e poética da Urca, onde a cidade foi fundada por Estácio de Sá. Em seguida, já corta para uma do caveirão do Bope, quando fiz um trabalho sobre o que acontecia do

lado de dentro do carro em uma ação no Alemão”, relata. “Todas as fotografias são bem cruas e simbólicas. Se fosse uma retrospectiva da minha carreira, certamente incluiria as do período que mais me emocionou, aquele entre a Anistia e as Diretas Já. Registrei muitos exilados chegando nos voos pela manhã, Gabeira, Miguel Arraes. Era muito forte”, completa Rogério, que tem obras em acervos como Biblioteca Nacional da França, Chengdu Contemporary

Arts Park Museum, na China, Douglas Nielsen Collection no Tucson Museum, nos Estados Unidos, e Museu Histórico Nacional, MAR e MAM no Rio. “Consigo ir do céu ao inferno nesse trabalho. Mas não quis fazer um livro com muita violência e morador de rua. Só tem três cliques desse universo. No conjunto, há muitos hábitos e costumes: praia, calçadão, surfistas de trem”, avisa.

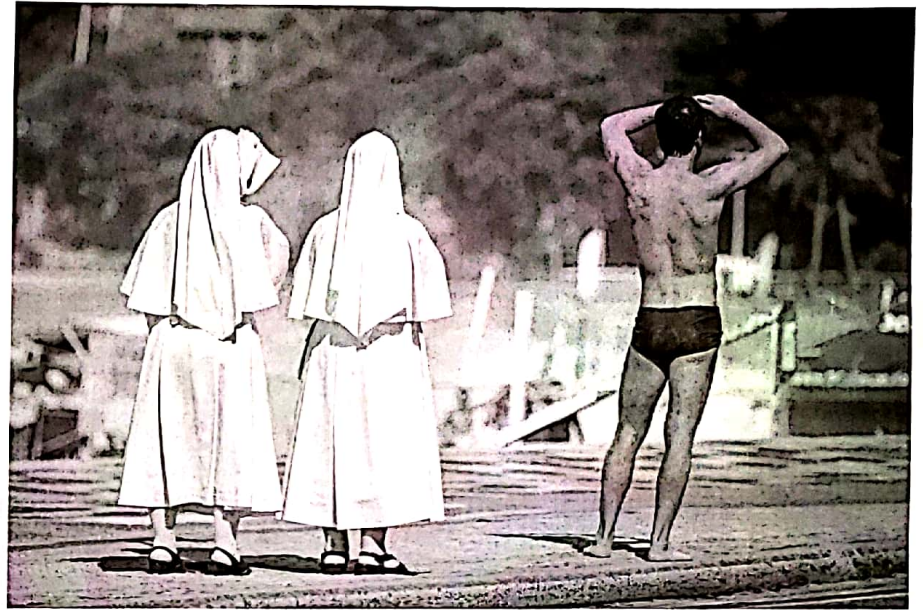
Bem no meio do livro, há a transcrição de uma conversa entre Rogério e seu editor, o fotógrafo paulistano João Farkas, a artista e professora paraense Mayra Rodrigues, o fotógrafo paulista Edu Simões, o jornalista e professor carioca Rosental Alves, a historiadora fluminense Ana Mauad e o historiador carioca Maurício Lissovsky. No diálogo, abordam a entrada da fotografia na vida do autor, os pontos altos da carreira, criatividade, restrições e referências.

Um detalhe importante da obra é que não há legenda nas imagens, para reforçar a ideia de tempo psicológico, como se houvesse uma conversa entre elas. “Começa na Urca e termina com o Sergio, um andarilho e catador de latas que faz objetos artísticos com suas latinhas dentro da rede. A imagem é ele deitado

em cima dela, no meio da Vieira Souto”, conta o fotógrafo sobre a última página. 



No alto, Rogério Reis; Acima, a capa do livro que será lançado em setembro



O cotidiano da cidade em diversos ângulos e personagens. Acima, as freiras na praia ao lado de um frequentador. Abaixo, homem fantasiado durante um bloco de carnaval no Centro do Rio







Entre a seleção, estão o futebol de deficientes (acima), uma imagem surreal de uma estátua de cavalo na varanda de um apartamento (abaixo) e, ao lado, clique da série "Na lona"

